

O QUE A FILOSOFIA TEM A VER COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL? REFLEXÕES FILOSÓFICAS

Claudia Battestin¹, Gomercindo Ghiggi²

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPe) com apoio bolsa Capes. Integrante do Grupo de Pesquisa FEPráxis (Educação e Práxis Social)
claudiabattestin@hotmail.com

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado e Doutorado) da Universidade Federal de Pelotas. Integrante do Grupo de Pesquisa FEPráxis (Filosofia, Educação e Práxis Social)

RESUMO: A pretensão deste artigo, visa apresentar aspectos filosóficos históricos acerca da relação do Homem com a Natureza, afim de explicitar a necessidade de uma mudança sobre o meio em que vivemos. Se estamos vivendo uma possível mudança paradigmática; cercados de resquícios de uma ética antropocêntrica, incapaz de satisfazer as necessidades do nosso tempo, precisamos pensar sobre a problemática ambiental no âmbito educacional, necessitando de uma investigação filosófica, crítica, e reflexiva.

Palavras chave: Filosofia, Natureza, Educação.

RESUMEN: El propósito de este artículo es presentar los aspectos histórico filosófico de la relación entre el hombre y la naturaleza con el fin de aclarar la necesidad de un cambio en el medio ambiente en que vivimos. Si estamos viviendo un cambio de paradigma sea posible, rodeado por los restos de una ética antropocéntrica, incapaz de satisfacer las necesidades de nuestro tiempo, tenemos que pensar sobre los problemas ambientales en la educación, que requieren una investigación filosófica, crítica y reflexiva.

Palabras clave: Filosofía, Naturaleza, Educación.

UMA BREVE ABORDAGEM HISTÓRICA

A Filosofia, estudo e origem secular, possibilita uma investigação/análise sobre a relação do Homem com a Natureza no decorrer dos períodos históricos vividos. Foram os filósofos Pré-socráticos que iniciaram questionamentos profundos e filosóficos sobre as propriedades da natureza, não concebendo a separação entre Homem e Natureza. A denominação “Filósofos da Natureza” é designada aos primeiros pensadores gregos, pois foram eles os primeiros a constatar as transformações que ocorriam no meio em que viviam, questionando o porquê das transformações naturais da Natureza.

A Filosofia da Natureza é melhor entendida se retornarmos à Grécia Antiga, por volta do século VI a.C. quando os primeiros filósofos apresentaram as primeiras explicações naturais acerca dos elementos, água, fogo, ar e terra.

Uma síntese feita por Giovanni Reale (2001) explicita que, Tales de Mileto foi o primeiro a afirmar que a causa de todas as coisas que existe é a água. Tales obteve suas constatações através do raciocínio, de observações e experimentos, não sendo por meio da mitologia ou imaginação. O filósofo Pré-Socrático Anaximandro defendeu a ideia de que o princípio universal de todas as coisas era uma “substância indefinida”, chamado o *apeíron*, que significaria o ilimitado, indeterminado, algo abstrato, como por exemplo, o Planeta Terra. O filósofo Heráclito problematizou a questão do devir, da mudança; seu pensamento vinha ao encontro da teoria de que o fogo é o tempo físico, a inquietude, o desaparecer de outros, mas também de si mesmo. Anaxímenes foi um filósofo que teve como característica básica, explicar a origem do universo a partir de uma substância única fundamental, chamada ar. Os quatro elementos analisados pelos pré-socráticos ainda encontram-se presentes em nosso período contemporâneo, porém, são analisados com rigor científico.

O período Clássico teve como principais pensadores, Sócrates, Platão e Aristóteles, esses filósofos simplesmente construíram parte da estrutura do nosso conhecimento. No apogeu da civilização grega, Sócrates, Platão e Aristóteles, influenciaram profundamente na mudança do conceito de Natureza. Nesse período, iniciou-se a separação do Homem e Natureza, corpo e alma, sujeito e objeto, dando início à raiz do antropocentrismo. Um dos problemas que afligiu os filósofos gregos foi o fluxo da Natureza. Para Platão, tudo o que podemos tocar e sentir na natureza tende a fluir, sendo formado a partir de uma forma eterna e imutável. Platão dividiu a realidade em duas partes, a primeira parte pertencia ao mundo dos sentidos a qual se chegaria a um conhecimento aproximado ou imperfeito e a outra parte pertencia ao mundo das ideias, na qual podemos ter um conhecimento seguro pelo uso da razão. Aristóteles também representou um avanço importante para a história da ciência, observou a Natureza a partir de um ponto de vista sistemático, desenvolvendo teorias habilidosas sobre muitas áreas da ciência e da Filosofia. Segundo Grun (1996), a ideia aristotélica da natureza, é como algo alegre e vivo, onde as espécies procuram realizar seus fins naturais sendo substituída pela ideia de uma natureza sem vida.

Outro momento importante na história da humanidade após o período Clássico é o período Medieval. Durante a Idade Média as comunidades eram pequenas e viviam com a predominância de que o tempo pertencia a Deus³. Esse período foi marcado por fortes mudanças e revoluções, trata-se da física e da astronomia, e da grande revelação de Copérnico, Galileu e Newton. Para Nicolau Copérnico, a Terra passou a ser um planeta, deixando assim de ser o centro do universo. Galileu partiu do pressuposto de que somente a experiência poderá tornar-se uma fonte de conhecimento para explicar os fenômenos da natureza.

Para Frijot Capra, o período Medieval era caracterizado da seguinte forma:

Antes de 1500, a visão de mundo dominante na Europa, assim como na maioria das outras civilizações, era orgânica. As pessoas viviam em comunidades pequenas e coesas, e vivenciavam a natureza em termos de relações orgânicas, caracterizada pela interdependência dos fenômenos espirituais e materiais e pela subordinação das necessidades individuais às da comunidade. (...) A natureza da ciência medieval era muito

³ Nesse período a visão de mundo dominante era o Teocentrismo, onde Deus era considerado o centro de tudo.

diferente daquela da ciência contemporânea, baseava-se na razão e na fé, e sua principal finalidade era compreender o significado das coisas e não exercer a predição ou o controle. Os cientistas medievais, (...) consideravam do mais alto significado as questões referentes a Deus, à alma humana e à ética (CAPRA, 2003, p. 49).

Todas estas questões elencadas buscavam identificar as variáveis que ocorriam na relação do Homem com a Natureza. A fé que o homem depositava na ciência e nas suas grandes invenções, provocou uma grande transformação sobre o modo de viver. Neste momento, a Natureza passou a ser instrumentalizada e o desenvolvimento da técnica passou a ser predominante, buscando seu próprio método, desvinculando-se da reflexão filosófica.

A partir desta breve abordagem acerca da relação do Homem com a Natureza, podemos observar as mudanças ocorridas no decorrer dos tempos. Porém, um dos momentos mais marcantes para a história da humanidade, foi o Período Moderno. Frequentemente os historiadores da Filosofia designam esse período como Filosofia Moderna, sendo aquele saber que se desenvolve na Europa durante o século XVII. Para outros pesquisadores, a Filosofia Moderna representa o começo de uma autêntica busca pelo saber, pela técnica.

Consideramos importante ressaltar que esse período é caracterizado pelo desenvolvimento do método científico, tendo como precursor o pensador René Descartes (1596-1650). Descartes buscou encontrar um novo método de pensamento para ser dado como certo, e a fórmula foi: “Penso logo existo”, separando corpo e alma. Para Capra (2003) essa argumentação causou grandes rupturas, pois o ser humano esqueceu de que forma pensar com os corpos, não sabendo usá-los como agentes de conhecimento. Descartes (1994) apresenta tal posição dualista como uma questão ontológica da Filosofia, sendo de um lado o pensamento e de outro o Ser, um princípio material e outro espiritual. Descartes propunha-se a criar um novo método, que substituiria a Fé, pela razão da ciência.

Até então, as formas de pensamento, nunca tinham passado por uma ruptura tão grande como a que Descartes definiu. “Em sua filosofia, o sujeito adquire um inédito grau de soberania: o eu passa a ser considerado como único responsável pelo direcionamento do pensamento e das ações práticas do indivíduo” (RIBEIRO, 1995, p.09). Capra apresenta a seguinte argumentação:

A divisão entre espírito e matéria levou à concepção do universo como um sistema mecânico que consiste em objetos separados. Essa concepção cartesiana da natureza foi, além disso, estendida aos organismos vivos, considerados máquinas constituídas de peças separadas. Veremos que tal concepção mecanicista de mundo ainda está na base da maioria das nossas ciências e continua a exercer uma enorme influência em muitos aspectos de nossa vida. Levou a bem conhecida fragmentação em nossas disciplinas acadêmicas e entidades governamentais e serviu como fundo lógico para o tratamento do meio ambiente natural como se ele fosse formado de peças separadas a serem exploradas por diferentes grupos de interesses (CAPRA, 2003, p. 37).

Analisando a citação acima, poderemos observar claramente, como estamos imersos na concepção mecanicista. Para o educador Spinelli (1990), o relógio foi o símbolo cartesiano, que

serviu de inspiração para várias áreas do conhecimento, Descartes comparou o mundo como um grande relógio, onde as peças poderiam ser analisadas e separadas para a compreensão de sua totalidade. Hoje temos exemplos concretos em nossas universidades, onde os departamentos de cursos são completamente divididos por áreas do conhecimento. E por fim, o que de fato ocorreu e ainda ocorre, é a predominante separação do Homem/Natureza. De um lado o ser humano, senhor de todas as coisas, do seu destino, possuidor da Natureza, passa a ter a natureza como recurso para atingir um fim. A visão fragmentada e mecânica das estruturas vivas perpassou pela modernidade e continua impregnada, de forma oculta, na práxis humana atual.

Para Capra (2003), o objetivo principal de Descartes era usar seu método para formar uma definição racional completa de todos os fenômenos naturais em um único sistema, regido por princípios mecânicos e matemáticos. O raciocínio e a teoria oferecidos como pensamento científico ocidental, permaneceram por mais de três séculos como modelo certo a ser seguido.

O domínio da técnica continua aumentando fortemente desde o início da Idade Moderna. Podemos afirmar que ainda vivemos os problemas sócios ambientais decorrentes de séculos de desenvolvimento econômico sem planejamento. Por exemplo, o crescimento e a urbanização desordenado das cidades, a desigualdade social, o consumo excessivo de recursos não renováveis, a redução da biodiversidade dos recursos naturais, e as grandes mudanças climáticas no cenário global.

O PARADIGMA CARTESIANO E OS DESAFIOS PARA O SÉCULO XXI

Por muitos séculos, produzimos ideias marcadas pelo extingüível paradigma cartesiano. Mas hoje, perante a tantas crises vivenciadas, podemos afirmar que estamos diante de um novo desafio, o de saber fazer escolhas a fim de saber decidir e discernir o momento e a maneira de experienciar o mundo. Para Hannah Arendt, o mundo encontra-se ameaçado.

Por outro lado, a mera e irrefletida perseverança, seja pressionando para frente a crise, seja aderindo à rotina que acredita bonachanamente que a crise não engolfará sua esfera particular de vida, só pode, visto que se rende ao curso do tempo, conduzir à ruína; para ser mais precisa, ela só pode aumentar o estranhamento do mundo pelo qual já somos ameaçados de todos os flancos. (ARENDR, 2005, p. 245)

Certamente a precisamos alertar o mundo sobre a crise que aumenta a cada década que passa. Nos últimos tempos, os assuntos ambientais tem se tornado algo noticioso de forma catastrófica. As atividades econômicas estão produzindo consequências desastrosas, como por exemplo, a desigualdade social, a deterioração do meio ambiente natural, bem como o aumento da pobreza e da alienação. A citação a seguir, complementa a idéia a cerca das mudanças de nossa sociedade no decorrer dos tempos.

A dominação atinge o espírito e a opinião pública: a luta de classes e os conflitos sociais aparecem neutralizados e os sujeitos estão cada vez mais integrados, confirmando assim, a existência de uma sociedade administrada. Nessa sociedade há o predomínio da indústria cultural e da técnica, que dominam todas as dimensões da vida e dirigem as

necessidades dos indivíduos conforme as exigências do mercado. O que se verifica é a preponderância das relações de produção sobre as forças produtivas. (SILVA, 2001, p. 23).

Entende-se que a modernidade foi marcada pelos avanços da Revolução Industrial, juntamente com o capitalismo que instalou uma racionalidade vinculada no lucro e na instrumentalização da natureza e dos sujeitos. Com o passar das décadas no século XX, vários questionamentos e manifestos foram surgindo, entre tantos debates uma das preocupações frizadas era acerca do meio ambiente.

Esse debate iniciado a quase meio século, nos mostra que não existem limites para o desenvolvimento tecnológico, pois como veremos na citação abaixo, a tecnologia está presente em todas as áreas do conhecimento, inclusive na educação.

Não é preciso ser nenhum deslumbrado da eletrônica para constatar que o movimento transformador que atinge hoje a informação, a comunicação e a própria educação constitui uma profunda revolução tecnológica. Este potencial pode ser visto como fator de desequilíbrios, reforçando as ilhas de excelência destinadas a grupos privilegiados, ou pode constituir uma poderosa alavanca de promoção e resgate da cidadania de uma grande massa de marginalizados, criando no país uma base ampla de conhecimento, uma autêntica revolução científica e cultural. (DOWBOR,2001,p.29)

Vivemos a era da microeletrônica, internet, automação, praticamente a I revolução tecnológica. O avanço da técnica teve resultados irreversíveis, como por exemplo a criação da Bomba atômica no século XX, a manipulação da engenharia genética no século XXI, ambas causaram prejuízos irreparáveis ao meio ambiente. A revolução tecnológica pode contribuir para amenizar tais situações. Como por exemplo: a interligação e a disseminação em rede global que privilegie novas formas de condutas em relação a natureza em si, isto é, do homem com o meio, possibilitando um espaço de conscientização firmando a responsabilidade. Carlos Walter Porto Gonçalves, entende que:

Sob a chancela do movimento ecológico, veremos o desenvolvimento de lutas em torno de questões as mais diversas: extinção de espécies, desmatamento, uso de agrotóxicos, urbanização desenfreada, explosão demográfica, poluição do ar e da água, contaminação de alimentos, erosão dos solos, diminuição das terras agricultáveis pelas construções de grandes barragens, ameaça nuclear, guerra bacteriológica, corrida armamentista, tecnologias que afirmam a concentração do poder, entre outras. Não há praticamente, setor do agir humano onde ocorram lutas e reivindicações que o movimento ecológico não seja capaz de incorporar. (GONÇALVES, 2006, p. 12).

A partir da década de 1960, com o grande crescimento econômico e o aumento da deterioração ambiental, iniciaram-se as preocupações referente ao desequilíbrio ambiental em todos os âmbitos internacionais. No Brasil, os movimentos ecológicos marcaram uma série de movimentos sociais, mesmo nos momentos mais tensos de repressão durante a ditadura militar. Na década de 70 iniciaram-se as conferências e lutas pelo meio ambiente. Um dos motivos que

contribuiu para agravamento da degradação ambiental no Brasil foi devido ao incentivo das ações políticas e privadas, à abrirem as portas para as indústrias internacionais instalarem-se sem cuidado e muito menos precaução para evitar a poluição. A cidade Cubatão que fica no estado de São Paulo chegou no ranking de ser a cidade mais poluída do mundo na década de setenta. É preciso que tenhamos respostas urgentes em uma proporção semelhante às mudanças ocasionadas, pois a crise chamada ambiental não é nada mais do que um reflexo da crise de nossa sociedade. É preciso romper essa visão cartesiana, e dar lugar a uma visão sistêmica. O planeta Terra não pode ser visto como uma máquina e nem de forma reducionista com dimensão naturalista.

A questão ambiental é uma questão que envolve diretamente a vida de todos os seres vivos, de todas as esferas. A educação mais uma vez terá o seu papel fundamental nesse processo histórico, fazendo com que a propagação de informação e conscientização a cerca da emergência de mudanças de condutas e de formas de agir, possam estar presente continuamente na vida do ser humano. Educar para o meio ambiente é educar para a vida, somente assim possibilitamos novos hábitos e posturas que garantam a qualidade e a continuidade da vida e a permanência da mesma. O papel do educador é proporcionar novas possibilidades de visões de mundo e de vida. Enrique Leff aposta em uma educação que vise a racionalidade ambiental, afirmando que:

Desse modo, a racionalidade ambiental se funda numa nova ética que se manifesta em comportamentos humanos em harmonia com a natureza; em princípios de uma vida democrática e em valores culturais que dão sentido à existência humana. Estes se traduzem num conjunto de práticas sociais que transformam as estruturas do poder associadas à ordem econômica estabelecida, mobilizando um potencial ambiental para a construção de uma racionalidade social alternativa. (LEFF, 2001, p.85)

Para Henrique Leff, (2001) a racionalidade ambiental se constrói em uma relação permanente entre a teoria e práxis, desta forma, a construção de uma racionalidade ambiental depende da mobilização, de práticas, de princípios, potenciais a fim de promover um desenvolvimento econômico que seja compatível com a preservação e conservação da natureza, minimizando desta forma, a degradação ambiental.

O século XX foi um século em que iniciaram-se os debates e as preocupações a cerca das catástrofes ambientais e do avanço progressivo da economia e da indústria. O Século XXI iniciou com grandes repercussões e inquietação acerca da crise ambiental, crise essa que foi reflexo do consumo excessivo e do abuso do poder do homem sobre o meio ambiente de forma assustadora.

Precisamos, porém, aprender a educar visando o processo histórico como umas das explicações sobre o passado, vivendo o presente e pensando o futuro. A educação poderá contribuir positivamente no processo de entendimento acerca da realidade global, pois a sociedade requer indivíduos com capacidade de intervir acerca dos problemas apresentados em determinado momento. Como por exemplo, conscientizar-se acerca dos problemas existentes na esfera planetária e agir com responsabilidade. Como Freire nos disse “A luta já não se reduz a retardar o que virá ou a assegurar a sua chegada; é preciso reinventar o mundo. A educação é indispensável nessa reinvenção. Assumirmo-nos como sujeitos e objetos da História nos torna seres da decisão da ruptura. Seres éticos” (FREIRE,2006, p. 40).

FINALIZANDO

A partir desse apanhado histórico acerca da relação do Homem com a Natureza, podemos constatar a lógica da transformação dos recursos do meio ambiente. Percebe-se também, a forma com que o homem alterou e modificou as paisagens naturais, gerando tamanho impacto que deu origem a Crise Ambiental. Todas essas transformações alteraram o modo de vida de todas as espécies vivas, comprometendo não somente a qualidade e garantia de vida presente, mas sim as dos seres que virão.

A educação tem um potencial muito grande em poder pesquisar, conhecer e propagar conhecimentos sobre a complexidade ambiental, mas o que falta é uma dimensão histórica, ética e política. Os assuntos ambientais, bem como a problemática ambiental, devem fazer parte das práticas profissionais bem como no cotidiano e na educação das pessoas. Educar para o meio ambiente é educar para a vida, somente assim possibilitaremos novos hábitos e posturas que garantam a qualidade e a continuidade da vida e a permanência da mesma.

Precisamos educar cidadãos capazes de questionar e fundamentar valores radicalmente críticos e éticos. Precisamos porém, aprender a educar visando o processo histórico como umas das explicações sobre o passado, vivendo o presente e pensando o futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDRT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2005,

CAPRA, Fritjot. **As conexões ocultas**. São Paulo: Cultrix, 2003.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. São Paulo: Nova Cultura, 1999 (Coleção Os Pensadores)

DOWBOR, Ladislau. **Tecnologias do conhecimento: os desafios da educação**. Petrópolis: Vozes, 2001.

FREIRE, Paulo. **A sombra desta Mangueira**. 8 ed. São Paulo: Olho d'Água, 2006.

GRÜN, Mauro. **Ética e Educação Ambiental: A conexão necessária**. Campinas: Papyrus 1996.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis: Vozes, 2001

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **Educação, meio ambiente e globalização**. V Congresso Iberoamericano de Educación Ambiental, 2006.

REALE, Giovanni. **História da filosofia antiga**. São Paulo: Loyola, 2001.

RIBEIRO, Eduardo Ely Mendes. **O individualismo e verdade em Descartes**. Porto Alegre: Edipucrs, 1995.

SILVA, Divino José da. **Ética e educação para a sensibilidade em Max Horkheimer**. Ijuí: UNIJUÍ, 2001.

SPINELLI, Miguel. A Matemática como paradigma da construção filosófica de Descartes. **Revista Cadernos de História e Filosofia da Ciência**. Unicamp, Campinas, v.2, n.1, 1990, pp. 5-15.